

AZULEJO PORTUGUÊS

Diálogos Contemporâneos



**Dia da
Língua
Portuguesa
e das
Culturas
da CPLP**

Pág. 3

**Moçambique
VI Jornadas
da Língua
Portuguesa**

Pág. 3

**Cabo Verde
Cem anos
de fotografia**

Pág. 4

**França
O riso
dos pobres
em colóquio**

Pág. 4

**Exposição de
Edgar Martins
em Londres**

Pág. 4

Azulejo Português

Exposição itinerante põe em diálogo tradição e contemporaneidade

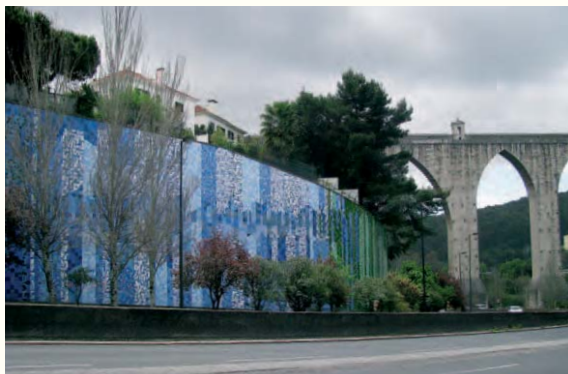
■ Cairo, Tunis e Seul vão ser previsivelmente este ano as primeiras cidades a receberem a nova exposição itinerante do Camões, IP *Azulejo Português. Diálogos Contemporâneos*, produzida em parceria com o Museu Nacional do Azulejo (MNAZ).

A inauguração da exposição, com os textos traduzidos para inglês, está prevista para a capital egípcia no Dia da Língua Portuguesa e das Culturas da CPLP, a 5 de maio, numa iniciativa da embaixada de Portugal. Em Tunis, a sua exibição está agendada para agosto, na galeria do município da capital tunisina. E até ao fim do ano será também mostrada na capital sul-coreana.

Trata-se de uma exposição que tem como suporte 21 cartazes de grandes dimensões (100cm x 70cm), com textos e fotografias, que vai rodar nos próximos anos fundamentalmente pela rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE - leitorados, centros de língua e cátedras) e pelos centros culturais do Camões, IP, bem como por embaixadas e consulados portugueses em todo o mundo.

Não é a primeira vez que o Camões, IP promove uma exposição itinerante dedicada ao azulejo, uma forma de arte que, na expressão do Presidente do Camões, IP, Ana Paula Laborinho, no texto que escreveu para o catálogo que acompanhará a exposição, é uma «impressão digital de cultura portuguesa». Em 2000, o Camões, IP, igualmente em parceria com o MNAZ, produziu a exposição *A Arte do Azulejo em Portugal*, que continua aliás, doze anos depois, a rodar pela sua rede, tendo já sido mostrada em inúmeros países. De 2005 a 2012, a versão em rolo de tela (*roll-up*) da exposição visitou pelo menos 41 cidades.

Mas, enquanto a *Arte do Azulejo em Portugal* «aprofundava a natureza histórica» do azulejo, a nova exposição «contempla o azulejo contemporâneo» e enfatiza a sua presença na «arte pública», em Portugal e no mundo, explica Joaquim Caparica, responsável no Camões, IP, juntamente com Alexandra Pinho, pela coordenação geral do projeto, que teve coordenação científica de Maria Antónia Pinto de Matos e de Alexandre Nobre Pais, do MNAZ, entidade que «detém a maior coleção de azulejos do Mundo» e que tem um importante papel na «recolha, investigação, conservação e divulgação de exemplares representativos do património azulejar e cerâmica



João Abel Manta *Av. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982,*



Manuel Cargaleiro *Estação de Metro do Colégio Militar, Lisboa, 1988 (em cima)*
Jorge Martins *Edifício Ecrã, Parque das Nações, Lisboa, 2000 (à dta.)*



Luís Ferreira *Fachada, Campo de Santa Clara, Produção Viúva Lamego, c. 1860*

tridimensional». «Na contemporaneidade, o azulejo reinterpreta cinco séculos de história através de técnicas ancestrais e da inovação e atualização das linguagens em painéis de autor, numa renovação do conceito de artista que abre caminhos cada vez mais ricos e diversificados», escreve no texto introdutório da exposição Maria Antónia Pinto de Matos, Diretora do MNAZ.

NOS METROPOLITANOS DO MUNDO

Com efeito, uma das incursões



Sete vídeos

■ Um conjunto de 7 vídeos de 5 minutos cada deverá ser produzido para acompanhar em 2013 a itinerância da exposição *Azulejo Português. Diálogos Contemporâneos*, permitindo o seu melhor enquadramento e a realização de programas paralelos durante a sua exibição pública em centros culturais, centros de Língua e universidades.

Os vídeos, a disponibilizar através do Centro Virtual Camões, deverão compreender uma breve história do azulejo em Portugal e abordar a presença do azulejo no Brasil (século XVIII) e no mundo, efetuar uma recolha de testemunhos de artistas portugueses que trabalham o azulejo, o azulejo e o metropolitano, o azulejo e arte pública industrial e as técnicas de azulejaria.

A realização dos vídeos é uma opção diferente da que foi seguida com a sua antecessora - *A Arte do Azulejo em Portugal* -, que foi acompanhada por painéis de azulejos produzidos expressamente para o efeito.



Painel *Ilustração de fábula de La Fontaine, sobre desenho de Jean-Baptiste Oudry, S. Vicente de Fora, Lisboa, finais do séc. XVIII (em cima)*



Júlio Pomar *Estação de metro do Alto dos Moinhos, Lisboa, 1988 (à esq.)*

ta pela legislação a produção local de azulejos -, mostrando imagens dos magníficos painéis da Igreja do Carmo (1766/1772), em Ouro Preto, Minas Gerais, e o Claustro do Convento de São Francisco (1752/1788), em Salvador, Bahia, «com paralelo apenas em São Vicente-de-Fora, em Lisboa».

Mais perto de nós, no século XIX, o azulejo 'conquista' as fachadas dos prédios, uma prática que o modernismo abandona, mas que Pardal Monteiro retoma em 1949 com azulejos de Almada Negreiros. Ficamos assim próximo do âmago da exposição, expresso em cartazes que tratam da renovação do azulejo no pós-guerra e da sua entrada em força em grandes obras públicas, culminando no final do século XX na «nova» cidade junto ao Tejo», o Parque das Nações, em que «o azulejo tem um papel preponderante, revestindo grandes superfícies e adequando-se à semântica dos espaços».

Nesse caminho, a mostra expositiva dedica uma atenção particular aos azulejos das estações do Metropolitano de Lisboa, «espaços privilegiados para o usufruto da azulejaria contemporânea», por integrarem «propostas estéticas que, refletindo novas linguagens e diferentes opções, mantêm, na generalidade, os aspetos que tornam o azulejo a linguagem artística, por excelência, da sensibilidade portuguesa». Uma «proposta estética» que não ficou só por Portugal e se estendeu aos metropolitanos de outras cidades - Bruxelas, Paris, Budapeste, Cidade do México, Santiago do Chile, Sydney e Estocolmo - com obras de autores portugueses, mas também estrangeiros.

Uma última componente é representada pelos cartazes dedicados às técnicas de produção de azulejos, quer antigas quer semi-industriais e industriais, esta a única parte da exposição que não será recolhida no catálogo que será produzido.

mais produtivas e significativas da exposição é a procura que faz nas obras da contemporaneidade de marcas específicas das tradições passadas, quando, por exemplo, mostra a «corda seca» e a influência mudéjar nos trabalhos de Maria Keil e Querubim Lapa, a técnica da faiança (pintura direta no azulejo), do século XVI, em obras de Jorge Barradas e Bela Silva (esta última também exemplo da azulejaria figurativa), a azulejaria de padrão, com Manuel Cargaleiro, Homero Gonçalves, Eduardo Nery e mais uma vez Querubim Lapa, e a produção em azul e as 'figuras de convite' em obras de Barradas, Nery, Luís Pinto Coelho e Lourdes Castro.

A contemporaneidade é quase sempre o ponto de chegada de uma digressão, cartaz a cartaz, que evoca as origens islâmicas do azulejo, está atenta às «influências italo-flamengas, espanholas, orientais e holandesas» e passa pela «produção dos centros industriais portugueses a partir de finais do século XVIII, a produção artística de autor, as fontes iconográficas, a problemática da encomenda, as diferentes aplicações e linguagens assumidas por este revestimento em Portugal».

A exposição também dá espaço à «época áurea» (séculos XVII e XVIII) da presença do azulejo português no Brasil - onde era interdi-

5 de maio Dia da Língua Portuguesa e das Culturas da CPLP

■ Espetáculos musicais, saraus, projeção de filmes, exposições, colóquios, sessões de leitura, conferências, jornadas e concursos vão assinalar a 5 de maio pelo 3º ano na rede de leitorados, centros de língua (CLP) e coordenações de ensino do Camões, IP e nas embaixadas e centros culturais portugueses no mundo o Dia da Língua Portuguesa e das Culturas da CPLP.

Nas iniciativas, que englobam vários países da CPLP e se estendem, durante o mês de maio, a 21 países e a uma organização internacional (UNESCO), está prevista a participação de nomes da literatura de língua portuguesa. O escritor angolano Ondjaki desloca-se a Zagreb (Croácia), para uma série de conferências, entre 1 e 3 de maio na universidade, com que se pretende «motivar para a leitura de textos de diferentes espaços e realidades em língua portuguesa».

Em Budapeste, na Universidade ELTE, prevê-se que o escritor e jornalista Pedro Rosa Mendes apresente o seu romance *Peregrinação de Emanuel Jhesus* – cuja ação se passa em Timor Leste –, vencedor do prémio da APE para o melhor romance de 2011. Na capital húngara, onde as comemorações em 2011 foram organizadas pelas embaixadas de Angola, Brasil e Portugal, deverá também ter lugar uma exposição de fotografia sobre

Moçambique de Ismael Miquidade e uma conferência da professora universitária angolana Inocência Mata sobre Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.

Em Itália, a Universidade de Pádua realiza a 23 de maio a jornada *Literatura, Lusofonia e Testemunho*, com a intervenção dos escritores Manuel Alegre, Hélio Correia e Jaime Rocha, depois de, em março, em Viterbo, na Universidade de Tuscia, a Cátedra de Literatura e Cultura dos Países de Língua Portuguesa e a Cátedra 'Pedro Hispano' terem promovido um concerto-conferência com o músico Sergio Leone sobre a *Musicalità della lingua portoghese: origini del samba e del fado*.

Já o escritor português Gonçalves Cadilhe apresentará no CLP da Universidade de Hamburgo (Alemanha) a sua obra de literatura de viagens e um filme de divulgação. O CLP de Hamburgo promove igualmente, a 4 de maio, em parceria com o Consulado-Geral de Portugal na cidade, a exposição *Composições, Pintura de Erdmute Blach a partir de música de Amílcar Vasques Dias*. Na Alemanha ainda, as comemorações têm também lugar nas universidades de Freiburg e Humboldt de Berlim, com música, leituras, pequenas representações e debates.

Na vizinha França, destaque para o concerto *Os tempos históricos da*

língua portuguesa, um projeto musical acolhido pela Universidade de Paris 8, que apresenta as diferentes pronúncias do português ao longo da sua evolução histórica, a partir da música de compositores do século XIX. A Universidade Lumière, de Lyon, optou por uma *Semana da Língua Portuguesa*, em que cada dia é dedicado a diferentes países de língua portuguesa, a José Saramago e ao fado.

Já a Missão Permanente de Portugal na UNESCO, em Paris, em parceria com missões dos demais países da CPLP, promove a 10 de maio um concerto com artistas de todos os países do grupo e a apresentação do documentário da RTP sobre a cantora cabo-verdiana Cesária Évora.

CINEMA EM PORTUGUÊS

Uma *Semana da Cultura Lusófona* foi a designação escolhida pela Universidade da Extremadura (em Cáceres), comunidade autónoma espanhola onde o idioma português tem uma forte presença no sistema público de ensino, para um conjunto de iniciativas que englobam conferências, exposições, concurso de fotografia e projeção de filmes.

A realização de uma *Semana Cultural dos Países de Língua Portuguesa* terá também lugar em Veliko Târnovo (Bulgária), na universidade local, integrando música, exposições, conferências e um ciclo de cinema com obras de autores portugueses. Já na Universidade de St. Klimente Ohridski, de Sófia, haverá uma tertúlia poética e um concerto de música brasileira.

A Coordenação do Ensino Português no Reino Unido promove junto da comunidade portuguesa a leitura de poemas por alunos

dos diferentes países da CPLP, e a leitura dramatizada de histórias de autores dos diferentes países por atores portugueses que estudam em Londres, cidade onde no King's College haverá o visionamento do documentário do português Jorge Pelicano, *Pare, Escute, Olhe* (2011). Na mesma linha, na Universidade de Newcastle haverá uma pequena mostra de cinema lusófono promovida pelo CLP, em que será exibido o filme de Victor Lopes *Língua* – *Vidas em Português* (2002) que mostra bem a dimensão pluricontinental e multicultural da língua.

Este mesmo documentário integra a programação na Roménia, com a sua exibição num canal da televisão, numa organização conjunta do CLP e da Embaixada do Brasil em Bucareste, que compreende, dias depois, um encontro na Universidade de Bucareste centrado na vida e obra de Jorge Amado, cujo centenário do nascimento se celebra. Em Timisoara, na Universidade do Oeste, além da edição de material didático, será apresentado o filme de Jorge Paixão da Costa *O Mistério da Estrada de Sintra* (2007).

Na Europa ainda, haverá em Chipre, em maio, a exibição do filme *Fados* (2007), de Carlos Saura, e uma emissão de música portuguesa. Na Turquia, de 6 a 12 de maio decorrerá uma retrospectiva da cinematografia de Miguel Gonçalves Mendes, com os títulos *José e Pilar* (2010), *A batalha dos três reis* (2005) e *Autografia* (2004) e a presença do realizador.

Cinema foi também a forma escolhida pelas embaixadas de Portugal, Angola e Brasil assinalarem a data em Belgrado, onde na Kinoteka serão mostrados três filmes, entre os quais *Aquele Querido Mês de Agosto* (2008), de Miguel Gomes.

Nas Américas, a Universidade de Georgetown, em Washington (EUA), realiza uma oficina de trabalho sobre a lusofonia e a CPLP, com professores, alunos e investigadores da especialidade, enquanto no Canadá terão lugar iniciativas em Otava e Toronto. Na universidade da capital canadiana, os embaixadores residentes dos países da CPLP intervirão e haverá uma breve exposição sobre a produção literária no espaço comunidade, bem como leitura de contos e poemas e exibição de filmes. Aos filmes, exposições e leituras, os CLP das universidades de Toronto e de York juntam a entrega dos prémios da 2.ª edição do Prémio Literário criado pela Coordenação do Ensino Português no Canadá.

Em Xangai, na China, a data será marcada pela oferta de um acervo bibliográfico à Biblioteca local e por um passeio dos alunos de língua portuguesa nas ruas cidade onde se realizaram intervenções do artista português Alexandre Farto, numa iniciativa do Departamento de Português da Universidade de Xangai.

No Médio Oriente e no Magrebe, a data é assinalada em Marrocos no Polo do Centro Cultural Português de Casablanca com o concurso 'António Tabucchi e a Língua Portuguesa', e em Israel com um concerto, a 8 de maio, do Quarteto Yami, no *Einave Cultural Center* de Telavive e uma visita a 16 de maio da fadista Cristina Branco à Universidade Hebraica de Jerusalém. Na mesma região, no Egipto, o Dia da Língua Portuguesa e das Culturas da CPLP é assinalado com a primeira apresentação pública da exposição *Azulejo Português: Diálogos Contemporâneos* (v. artigo neste suplemento).

Moçambique VI Jornadas da Língua Portuguesa em maio

■ O programa das VI Jornadas de Língua Portuguesa, que vão decorrer a 8 e 9 de maio em Maputo, no Centro de Línguas da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica, faz jus ao tema definido para a reunião – o ensino da língua portuguesa em contextos multiculturais e multilíngues.

Embora o censo de 2007 tenha revelado que mais de metade da população de Moçambique com 5 anos ou mais declarava saber falar português (25% em 1980, 39% em 1997), a grande maioria dos seus 20,2 milhões de habitantes (2007) tem como língua materna uma grande diversidade de idiomas –

mais de duas dezenas, incluindo o português, que passou de 1,2% em 1980 para mais de 10% em 2007 –, quase exclusivamente do grupo bantu, com destaque para o macua (26,3%), o xichangana (11,4%) e o elomwe (7,9%).

Sendo Moçambique um país multicultural e multilíngue, onde a língua portuguesa é o idioma oficial e a principal língua de ensino, as jornadas – organizadas pela rede do Camões, IP com o apoio da Universidade Pedagógica, com a qual o Camões, IP colabora na formação de professores de português em exercício, e da Universidade Eduardo Mondlane – procuraram, desde o seu início, ser «um momento de reflexão e debate sobre os

desafios que o ensino da língua portuguesa enfrenta em Moçambique e os caminhos e possibilidades que se oferecem ao professor de português».

As Jornadas têm assim vindo a afirmar-se como «um momento privilegiado de divulgação das pesquisas feitas em Moçambique sobre a didática e o ensino da língua portuguesa», justificando o interesse crescente dos investigadores destas áreas pela sua realização, indica uma nota dos organizadores.

O programa das Jornadas conta com 2 conferências, 15 comunicações, 3 oficinas de trabalho e diversos momentos culturais. O painel de participantes é constituído por investigadores de praticamente todo o país, em que se incluem nomes como os das investigadoras Perpétua Gonçalves, Fernanda Cavacas e Marisa Mendonça.

As duas primeiras serão responsáveis pelas duas conferências, a de Fernanda Cavacas, com o tema *Uma língua a várias vozes* e a de Perpétua Gonçalves, docente da Universidade Eduardo Mondlane e responsável pela cátedra Portuguesa Língua



Universidade Pedagógica, Maputo

Segunda e Estrangeira sobre a *Situação linguística de Moçambique: desafios para a investigação*.

Entre os trabalhos que vão ser apresentados, que dão conta das preocupações com a especificidade do ensino do português em Moçambique, estão várias comunicações que abordam questões relativas ao português de Moçambique (de Paulino Fumo, Pedro Napido,

Nelpódio Miranda, Victor Mércia Justino), estudos de caso do processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa (Isa Sande) e relativos à formação de professores de português (David António, Ana Catarina Monteiro, Mónica Bastos) e ainda o papel da literatura oral no ensino bilíngue/multicultural Português-Xichangana (Pedro Bila).

Numa outra linha estão as oficinas de trabalho com os temas *Abordagem de um texto literário em sala de aulas: uma reflexão sobre as práticas de ensino* (Ana Catarina Monteiro e Francisco Gaita) e *A importância do Texto na aula de LP: do conteúdo a pretexto* (Marisa Mendonça, António Novela e Josefina Caetano) e comunicações que focam aspetos muito concretos das estratégias de ensino (Francisco Wache).

O recurso à literatura para o ensino do português está presente nas Jornadas através de uma oficina de trabalho, *José Craveirinha: Um itinerário de Leitura* (Conceição Siopa e José Marques) e três comunicações sobre, respetivamente, os escritores moçambicanos Mia Couto, Paulina Chiziane e Calane da Silva.

França O riso dos pobres em colóquio



«O riso dos pobres – As figuras cómicas populares nas culturas de língua românica é o tema de um colóquio que vai ter lugar a 24 de maio na Universidade de Paris Ouest Nanterre, organizado pelo seu departamento de português com o apoio do Camões, IP.

A jornada vai investigar e colocar em paralelo as formas recorrentes do riso do pobre e excluído, presente em todas as artes e culturas, mas aqui observado nas culturas italiana, espanhola e de língua portuguesa (Europa e América). «Vamos estudar o que é tanto uma forma de riso como de denúncia social e política», associada à discriminação, aos estereótipos e às questões etno-culturais das minorias, dizem os promotores do evento.

Zé Povinho, Raul Solnado (Portugal), Cocoliche (Rio da Prata), Cantinflas (México), ou ainda Fernand Reynaud, Coluche e o icónico Charlot são exemplos citados pelos organizadores do 'riso dos pobres'.

Para encerramento do colóquio terá lugar um concerto, *Les cris de la crise*, com o barítono António Wagner, a cantora Helena Afonso – acompanhados pelo pianista José Brandão –, que cantarão áreas humorística que referem situações de crise, extraídas de óperas das culturas românicas.

Obra polémica de Edgar Martins em exposição em Londres

«O mais conhecido (e polémico) trabalho do fotógrafo Edgar Martins, que resultou de uma encomenda do jornal norte-americano *New York Times*, no inverno de 2008, para explorar o impacto da crise do *subprime* no imobiliário físico norte-americano, vai estar em exposição de 9 de maio a 30 de junho em Londres, na galeria Wapping Project Bankside (WPPB).

O trabalho foi publicado pelo jornal no verão de 2009 e deu origem a uma enorme polémica e a um debate (que, segundo a galeria, se tornou «uma discussão de referência nos círculos artísticos e fotográficos»), porque Edgar Martins tratou digitalmente algumas das imagens. «O que era para alguns uma polémica fascinante sobre engano e falsificação era para os outros o regresso à superfície de um cansativo e velho cisma ontológico, epistemológico e moral entre arte e jornalismo», explica a galeria numa nota de imprensa.

O que é facto é que o *New York Times* se demarcou da publicação, que indicara ter sido feita «sem manipulação digital», e retirou o trabalho do seu sítio, onde fora publicado com o título *Ruins of the Second Gilded Age*.

A galeria diz que Edgar Martins, enquanto «artista fotográfico», foi neste seu estudo para «além da pura investigação formal e documentação factual», explorando «novos modelos para conceptualizar uma paisagem e um fenómeno



EDGAR MARTINS, SANTIAGO DA BIE THIS IS NOT A HOUSE (CONNECTICUT) 2008

contemporâneo quente, fora do cânone fotojornalístico». «Afinal – acrescenta a nota –, a ficção é muitas vezes a representação mais eloquente e fecunda da realidade e, assim, a sua série está estruturada como uma «intervenção fotográfica numa crise, uma crise que é só parcialmente económica».

Edgar Martins fotografou casas abandonadas, campos de golfe, estâncias de esqui, hotéis e outros projetos de construção em 16 localidades de seis estados norte-americanos, escolhendo cuidadosamente os locais «para expor toda a extensão e impacto da crise».

Agora esse corpo de trabalho, que já deu origem a um livro e já foi mostrado em Paris, é novamente exposto em Londres – cidade que é a base de trabalho de Edgar Martins – com o título *This is not a house*, numa iniciativa que tem o apoio do Camões, IP e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Cabo Verde Cem anos de fotografia na coleção Foto Melo



«Até 16 de maio uma exposição que apresenta um olhar sobre o acervo da coleção Foto Melo, uma casa de fotografia que entre 1890 e 1992 existiu na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, está patente no Centro Nacional de Artesanato e Design do Mindelo.

É a primeira vez que esta coleção de fotografia particular – que é testemunho da história da ilha, da história dos processos fotográficos e de opções estéticas no decurso de um século, e que tem um enorme significado afetivo para os mindelenses – é mostrada ao público em

Cabo Verde, de uma forma global e estruturada.

A exposição intitulada *Espelho de Prata – um olhar sobre a Coleção Foto Melo* tem a curadoria de Diogo Bento, que desenvolveu entre julho e dezembro de 2011 um projeto de organização e conservação da coleção de fotografia Foto Melo ao abrigo do programa de estágios internacionais INOV-Art, e cuja candidatura teve o apoio do polo do Centro Cultural Português/Camões, IP no Mindelo.

Apenas com uma parte da coleção inventariada é possível

perceber que estamos perante um valioso património documental, que será fundamental para o estudo e preservação da história, da memória e da identidade desta ilha e de Cabo Verde.

Arquiteto paisagista de formação, Diogo Bento (n. 1984) tem trabalhado na área da fotografia e participado em mostras individuais e coletivas.

Em Cabo Verde projetou a curadoria da exposição em três eixos: mostrar o trabalho desenvolvido durante seis meses de organização e conservação desse espólio, constituído por mais de 150.000 negativos, milhares de provas em papel e outro material fotográfico, sensibilizar pela divulgação para uma nova dinâmica na sua organização e conservação e dar uma perspectiva geral da diversidade de assuntos e formatos contidos nesta coleção, assim como pistas sobre a sua origem e pertinência no contexto histórico e cultural mindelense e cabo-verdiano.

A exposição é ainda acompanhada por um documentário de Diogo Bento e Edson Delgado, em que se pretende resgatar e arquivar as memórias de quem conheceu a Foto Melo, já alvo de um estudo preliminar de Isabel Vítor e Bruno Ferro, em 2009.

A Foto Melo foi fundada em 1890 por João Henriques de Melo. Era filho de Vitor José de Melo, nascido em Lisboa em 1828, que se instalou na ilha do Fogo onde casou com Maria José Medina Henriques, natural de S. Filipe (Djindjon), tendo depois passado para as mãos de seu filho, Eduardo Ernesto Trigo de Melo (Papim), que a manteve em funcionamento até 1992.

Vinte anos depois do encerramento da Foto Melo, era urgente reunir, catalogar e preservar a sua coleção de fotografia, que é propriedade da família.

Moçambique Disponíveis em linha bibliografias das variedades africanas do português

«Pela primeira vez numa única plataforma, estão disponíveis no sítio da Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira, da Universidade Eduardo Mondlane, criada no âmbito de um protocolo com o Camões, IP, as bibliografias de todas as variedades africanas do português.

A secção *Bibliografias* foi inaugurada com a bibliografia sobre o português de Moçambique, mas, num período relativamente curto, foi possível preparar bibliografias sobre outras variedades do português, através de contactos com académicos de instituições

portuguesas que tinham realizado pesquisa nesta área.

A ideia de incluir uma secção *Bibliografias* no sítio da Cátedra teve como principal motivação dar acesso a informação sistematizada sobre os estudos já realizados relativos às variedades do português que estão a emergir em países em que este é uma língua não materna para a maior parte da população.

Além das referências bibliográficas, a plataforma disponibiliza sempre que possível, os textos originais dos estudos referenciados.

Em fase adiantada de preparação está uma bibliografia sobre

a situação linguística em Timor-Leste e perspetiva está a preparação de uma bibliografia sobre a aquisição do português europeu como língua estrangeira.

O sítio www.catedraportugueses.ueem.mz foi disponibilizado em 2010, como parte do programa de atividades da Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira, sendo nele disponibilizados vários produtos de investigação sobre o português língua não materna.



Camões, IP

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato